

EDIFÍCIO PARQUE DO SOL: um “arranha-céu” residencial em Caxias do Sul

Arq. Ms. COSTA, Ana Elísia; Arq. Esp. MORAES, Erinton Aver; Acadêmica ARENHARDT, Andréa.

Ana Elísia da Costa é mestre e doutoranda pelo PROPAR-UFRGS e uma das autoras do livro “Guia Didático da Arquitetura de Caxias do Sul”. Erinton Aver Moraes é especialista e mestrando pelo PROPAR-UFRGS. Ambos atuam como professores e pesquisadores junto à Universidade de Caxias do Sul. Andréa Arenhardt é acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo e bolsista de iniciação científica da pesquisa “Modernidade e Cultura de Morar na Serra Gaúcha”, desenvolvida junto à Universidade de Caxias do Sul.

Dados para correspondência:

Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Caxias do Sul – Campus 8.

Rod. RS 122 – Km 69 – s/n. – CEP: 95010-550 – Caxias do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil.

Fone/Fax: (54) 32899000

E-mail: ana_elisia_costa@hotmail.com.br; erinton@uol.com.br; deiaare@hotmail.com

Um dos possíveis enfoques da relação entre os temas “modernidade” e “verticalização” se refere à consolidação da “moradia vertical”, que exigiu significativas transformações na cultura de morar dos usuários. Ao abandonarem a relação da casa com o lote, confinados em apartamentos, como os moradores reorganizaram suas necessidades? O programa da habitação coletiva moderna é assimilado integralmente pela população? Há uma sobreposição dos valores de morar tradicional e aqueles preconizados pelo modernismo?

No contexto destas discussões, é desenvolvida a pesquisa “Modernidade e Cultura de Morar na Serra Gaúcha”, tendo entre os seus objetos de estudo a arquitetura multifamiliar em Caxias do Sul, produzida nas décadas de 1950 e 1960. Núcleo regional, quer pela oferta de empregos, quer pela gama de equipamentos e serviços que oferece, Caxias do Sul sempre atraiu pessoas de outras cidades da região e mesmo de outras regiões do estado e do país. Conseqüentemente, a cidade viveu o acelerado crescimento e adensamento do espaço urbano, resultando na verticalização do seu centro, fenômeno este observado principalmente a partir da década de 50.

A despeito das grandes superfícies territoriais disponíveis, ao contrário de cidades como Nova York, por exemplo, onde os limites físicos impunham a verticalização e o forte adensamento, a cidade, em meados do século passado, viu surgir o edifício de apartamentos, não como resposta às necessidades físico-espaciais de seu território, mas como símbolo de modernidade, de desenvolvimento e de metropolização.

Assim, este artigo volta-se para esse “prosaico objeto: o edifício de apartamentos, edifício dividido para e por vários, onde o coletivo se separa em frações mínimas, e o privado é dividido por paredes que falam, cantam e às vezes gritam” ¹. Seu estudo permitirá fazer a caracterização de uma “modernidade local” e diagnosticar o impacto da verticalização na consolidação de um “ideário moderno” de viver.

¹ PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. Edifícios de Apartamentos: Belo Horizonte, 1939-1976. Formações e transformações tipológicas na arquitetura da cidade. Belo Horizonte: AP Cultural, 1998. 170 p. P. 16.

Neste artigo, é feita uma breve contextualização do fenômeno da verticalização em Caxias do Sul, seguido da abordagem do papel emblemático do edifício Parque do Sol. Além de ter sido considerado por muitos anos o edifício residencial mais alto do Rio Grande do Sul, com seus trinta e seis andares, a construção incorpora os valores do “habitat moderno” - busca ser um “estojo do homem privado”, “santuário doméstico”, “máquina de morar” e um “espaço sanitário”².

Breve contextualização do edifício vertical em Caxias do Sul

O programa residencial foi um tema privilegiado nas discussões do Movimento Moderno, tendo constante preocupação com o custo mínimo, a rapidez nas construções e a oferta de moradia a todas as classes sociais. Foi um período importante para a disseminação dos edifícios de apartamentos, entendidos como uma das soluções capazes de atender às novas demandas. No Brasil, o processo de modernização, iniciado na década de 1930, também está diretamente ligado com a verticalização dos edifícios residenciais, pois é neste período que tais edificações começam a ganhar força, a serem utilizadas com uma maior frequência, representado “(...) uma verdadeira revolução em relação às formas de habitação até então predominantes”³.

Em Caxias do Sul, a verticalização nos edifícios residenciais chegou mais tarde que no restante do país. A historiadora Maria Abel Machado⁴ destaca que só na década de 1950 pôde-se perceber na cidade uma crescente verticalização do seu centro urbano e o conseqüente adensamento construtivo. Nesta época, os incentivos à verticalização e a crescente industrialização da cidade ajudaram de maneira vigorosa na aceitação e consolidação da arquitetura modernista. Machado ainda ressalta que o surgimento de edifícios mais altos, na zona central da cidade, possibilitou também a criação de um novo potencial de edificabilidade, garantindo a elevação do preço dos

² CORREA, Telma de Barros. A Construção do Habitat Moderno no Brasil 1870-1950. São Carlos: Ed. RiMa, 2004. 109 p.

³ GALESI, René; NETO, Candido Malta Campos. Modernismo e Urbanidade: os pioneiros da moradia vertical em São Paulo. 6º Seminário DOCOMOMO Brasil. Niterói: Universidade Federal Fluminense, de 16 a 19 de novembro de 2005.

⁴ MACHADO, Maria Abel. Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul 1875/1950. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2001. 329 p.

terrenos e dos imóveis e possibilitando uma maior lucratividade aos proprietários dos terrenos.

Pode-se dizer que o edifício Galeria Auto João Muratori (fig. 01), conhecido como “caixa de fósforos”, foi um dos precursores na cidade. Sua construção, que é datada em 1957, apresenta uma marcação vertical em relação ao seu entorno relativamente baixo e impõe-se de modo monumental em relação à Praça Dante Alighieri. O edifício, com seus dezessete pavimentos, ocupa os limites de um lote estreito que vai de rua a rua e introduz a solução de poços de luz, evidenciando a preocupação com a salubridade dos espaços resultantes⁵.

Na década de 60, já é possível perceber a consolidação de edifícios com grande número de pavimentos, como no Edifício Jotacê (fig. 02), com vinte e cinco pavimentos, e no Edifício Parque do Sol (fig. 03), com trinta e seis pavimentos. O Edifício Solaris (fig. 04) e o APLUB Caxias (fig. 05), ambos com dezessete andares, apesar de não apresentarem um grande número de pavimentos, destacavam-se verticalmente em relação aos edifícios do seu entorno urbano.

Na verdade, a discussão sobre a ocorrência da verticalização em Caxias do Sul deve apoiar-se naquela desenvolvida por Podestá, Brandão e Alencar⁶, ao analisarem a inserção dos edifícios verticais em Belo Horizonte. Se em volta de muitos edifícios havia um grande vazio na época de suas construções, hoje, nas grandes densidades urbanas, este vazio perdeu-se e os edifícios altos deixaram de ser marcos verticais. Assim, edifícios caxienses como o Veneza (fig. 06), Paraíso (fig. 07), Ettore Lazzarotto (fig. 08), Medianeira (fig. 09), Dona Ercília (fig. 10), e Avenida (fig. 11), que se ergueram em meio a baixas construções, deixaram de ser considerados elementos verticais marcantes em relação ao seu entorno.

⁵ ARENHARDT, Andréa. A Modernidade nos Edifícios de Apartamentos em Caxias do Sul. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul – Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2006. (Monografia da Disciplina Laboratório de Arquitetura e Urbanismo). 127 p.

⁶ PODESTÁ, Sylvio E., BRANDÃO, Carlos Antônio L., ALENQUER, Carlos. Arquitetura Vertical. Belo Horizonte: AP Cultural, 1992. 170 p.

Na grande maioria dessas edificações, os lotes regulares da cidade tradicional não permitiram o arranjo dos edifícios soltos no lote, com grandes áreas verdes, privilegiando a orientação solar, como propunha os cânones modernistas. Aqui, em lotes estreitos e profundos, as edificações quase sempre não se desprenderam dos seus limites, exigindo grande habilidade do projetista para consolidar um novo “habitat moderno”.⁷

Neste contexto, merece menção pela inserção no lote, pelo porte e pelo nível de resolução espacial e tecnológica o edifício Parque do Sol, um “arranha-céu” no contexto caxiense e gaúcho. Nele, não estão evidentes somente preocupações com aspectos referentes à integração do edifício com o espaço urbano, mas também com a construção de espaços salubres, promotores da convivência familiar e, ao mesmo tempo, da privacidade dos seus membros. Também se evidencia a preocupação com a construção de espaços eficientes, dimensionados de acordo com seus fins e organizados em setores autônomos.

O Edifício Parque do Sol

A data da construção do Parque do Sol não é precisa, pois o projeto encontrado no Arquivo Histórico de Caxias do Sul trata-se de uma reforma do ano de 1987, projeto do arquiteto Elyseu Mascarello. Porém, conforme reportagem do Caxias Magazine⁸, em maio de 1967 já se tinha um terço dos apartamentos vendidos, o que comprova que seu projeto foi anterior a esta data. Já no ano de 1989, a Folha de Caxias⁹ ressalta que o Parque do Sol, projetado pela EMGRAM, através do engenheiro Hugo T. Grazziotin, era o maior prédio residencial do sul do país. A reportagem ainda destaca que apenas

⁷ Este quadro é similar ao contexto paulista das décadas de 1920 e 30, onde “(...) do ponto de vista da morfologia urbana, a verticalização deu-se sobre um parcelário colonial (...)” SILVA, Luís Octávio da. A constituição das bases para a verticalização na cidade de São Paulo. Arqtextos nº 080, texto especial 399. São Paulo, Portal Vitruvius, jan. 2007, <www.vitruvius.com.br/arqtextos/arc000/esp399.asp>. [acesso em 07/08/07].

⁸ CAXIAS MAGAZINE. Reportagem sobre o Edifício Parque do Sol. Caxias do Sul: nº 206, 20/05/1967.

⁹ FOLHA DE CAXIAS. Ano 1. Reportagem sobre o Edifício Parque do Sol. Caxias do Sul: nº 35, 20/05/1989.

no ano de 1977 os apartamentos começaram a ser ocupados, porém a obra foi concluída somente em 1989.

Sua construção ocorreu em uma área de expansão urbana da década de 1950, em frente ao então criado Parque de Exposições da Festa da Uva, conhecido hoje como Parque dos Macaquinhos. Ocupa toda a quadra configurada pelas ruas Dr. Mountaury, Visconde de Pelotas, José D'arrigo e Antônio Prado, acomodando-se em uma topografia bastante acidentada (fig. 12).

No edifício, parece existir uma clara relação entre lote - embasamento – torre. Um volume horizontal absorve garagens e um shopping projetado, mas não realizado. Construído nos limites do terreno, este volume acomoda o conjunto à topografia íngreme e serve de base para uma grande torre vertical, que se mantém fixada junto dos limites norte e sul do terreno. Esta base cria uma “praça” privada para o edifício e, ao mesmo tempo, uma “muralha urbana” que conduz a perspectiva das ruas laterais ao Parque dos Macaquinhos.

A partir de Loureiro e Amorin¹⁰, pode-se avaliar que o Edifício Parque do Sol se assemelha aos grandes edifícios comercializados na década de 1960 pelo Brasil. Segundo os autores, os folders de vendas dos apartamentos deste período evidenciavam o fato de os prédios altos oferecerem grandes vantagens em relação à preservação do verde e da qualidade de vida, pois teoricamente ocupariam uma parcela menor do terreno. Porém, os autores destacam que isto não passava de um mito, pois a torre de apartamentos se assenta sobre um grande bloco horizontal de garagem, como é o caso do edifício aqui analisado.

A torre, assim como inúmeros exemplares da arquitetura moderna, apresenta empenas cegas nas duas fachadas de menor extensão, sendo as aberturas dispostas nas duas fachadas de maior extensão, ou seja, leste e oeste. Destaca-se, contudo, que essas empenas são levemente alargadas no sentido da base, quebrando a rigidez

¹⁰ LOUREIRO, Claudia; AMORIN, Luiz. Diz-me teu nome, tua altura e onde moras e te direi quem és: estratégias de marketing e a criação da casa ideal – parte 2. Arqtextos nº 058, texto especial 286. São Paulo, Portal Vitruvius, mar. 2005, www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq000/esp286.asp. [acesso em 30/08/06].

formal recorrente. (fig. 13). No conjunto, essa solução pode ser comparada com a do edifício Renata Sampaio, de Bratke. Segundo Castroviejo Ribeiro e Del Negro¹¹, neste edifício o arquiteto é movido pela tentativa de conciliar o embasamento e a torre, sendo que a torre é resolvida com empenas cegas e com aberturas nas fachadas norte e sul.

Com revestimento em reboco liso, a edificação (fig. 14) enfatiza o contraste cromático entre o corpo, a base e as empenas laterais. Também merece menção o tratamento simétrico das sacadas e a modulação rítmica dos pilares da estrutura, que acaba definindo o tamanho dos ambientes internos. Trata-se de um caso similar ao analisado por Ströher¹²: “as divisões internas dos apartamentos ficam explicitadas nas fachadas, através dos topos das paredes e das lajes de entrepiso, dentro da malha condicionadora”.

O acesso ao edifício se dá pela Rua José D'arrigo através de um pórtico, que fica entre o hall e a empena norte, sendo que o acesso aos subsolos se faz pela Rua Dr. Montauray. A circulação vertical localiza-se na parte central do corpo da edificação e a partir dela articulam-se simetricamente duas unidades habitacionais. Existe um pavimento tipo que se repete e outros dois apresentam pequenas modificações, no que se refere à parte íntima e à inserção de um reservatório de água.

Cada um dos dois apartamentos do pavimento tipo (fig. 15) possui uma área aproximada de 230 m² cada. As unidades apresentam orientação solar leste-oeste, com os dois lados bem ensolarados.

Os apartamentos apresentam um zoneamento bastante claro, característica defendida pelo modernismo como essencial para uma boa resolução de planta e, conseqüentemente, de bom funcionamento dos espaços. A zona social apresenta-se bastante integrada e, com a presença dos pilares na sala, é possível separar a área de

¹¹ CASTROVIEJO RIBEIRO, Alessandro José; DEL NEGRO, Paulo Sergio Bárbaro. Oswaldo Bratke e a “cidade nova”: o texto e o contexto. *Arquitextos*, nº 078.1. São Paulo, Portal Vitruvius, nov. 2006 <www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq078/arq078_01.asp>. [acesso em 07/08/07].

¹² STRÖHER, Eneida Rippol. A habitação coletiva na obra do arquiteto Emil Bered, na década de 50, em Porto Alegre. In WEIMER, Günter (org.). *Arquitetura: história teoria e cultura*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000. 192 p. P. 138.

estar da circulação. A presença da sacada na sala de estar estabelece uma importante relação com a visual do Parque dos Macaquinhos, diluindo o tratamento dos limites entre interior e exterior.

A cozinha, que não é ventilada diretamente pela rua, incorpora copa, o que, por sua vez, proporciona um aumento na reduzida área onde se localiza o mobiliário da cozinha. Porém, mesmo com suas medidas generosas, ela apresenta um layout racionalizado, segregando os espaços de uso da cozinha e da copa por um eixo de circulação.

O fato de o apartamento ter quatro dormitórios talvez possa se justificar, como discute Correa¹³, pela preocupação existente no modernismo com a individualidade de cada morador, reservando-se assim um quarto para cada habitante. Todos os dormitórios apresentam mobiliário embutido, o que demonstra a preocupação dos projetistas com o layout do espaço, o que também pode ser comprovado com a lógica observada na localização e no sentido da abertura das portas e janelas. A presença do mobiliário também evidencia o cuidado com o armazenamento dos bens da casa, já que, com o modernismo, as áreas dos apartamentos deveriam ser reduzidas, eliminando inclusive os depósitos e despensas.

O dormitório que incorpora suíte, provavelmente destinado ao casal, localiza-se mais aos fundos do apartamento, proporcionando assim uma maior privacidade aos usuários deste ambiente. Os banheiros da zona íntima, somados ao do setor de serviços, aparecem unidos através de suas superfícies, provavelmente por uma questão de racionalização das instalações hidráulicas, o que acaba caracterizando o lavabo como um ambiente do setor íntimo.

Neste edifício a proposta arquitetônica traduz as mudanças do espaço residencial impostas pelo modernismo e, conseqüentemente, mudanças impostas ao modo de morar da população:

¹³ CORREA, Telma de Barros. Op. cit.

“Os modernistas (...) pretenderam reformar a vida por meio da arte (...) usando novas estruturas e materiais, procurando a luz e o ar, adaptando os projetos habitacionais às condições da vida moderna, desenvolvendo novo mobiliário e meios fáceis de limpar, estocar e arranjar o interior das residências”¹⁴.

Muitas características do Edifício Parque do Sol acompanham a evolução nacional no que se refere ao modernismo, como é o caso da diminuição, racionalização e mecanização dos banheiros e da cozinha. Os apartamentos apresentam plantas com autonomia de setores, racionais e coesas, que acabam facilitando e agilizando os afazeres domésticos. A preocupação com a organização do espaço, através do uso do mobiliário embutido, manifesta-se em larga escala, e os dormitórios revelam a preocupação com a privacidade dos usuários. A salubridade é evidenciada através da privilegiada orientação solar dos espaços e da garantia de ventilação natural a todos os ambientes.

O Edifício Parque do Sol é um exemplar importantíssimo da arquitetura modernista vertical para a cidade. Apesar de não apresentar em sua base atividades comerciais, tinha em seu projeto essa idéia, talvez considerada bastante arrojada para Caxias na época. Isso, ao mesmo tempo, compartilhava com os ideais modernistas, que pregavam a idéia da auto-suficiência dos grandes edifícios, que deveriam oferecer aos moradores serviços como padaria, mercado, farmácia, etc.

Conclusão

Ao contrário de outros programas arquitetônicos, o edifício de habitação ganhou relevância para a arquitetura somente no século XX, tendo sido inclusive chamado por Le Corbusier de a “catedral de nossos tempos”. Essa “nova catedral”, por sua vez, pode ser avaliada, tanto do ponto de vista físico, como simbólico. Galesi e Neto¹⁵ destacam a representação simbólica da modernização urbana por meio da imagem do "arranha-céu", enquanto marco do progresso da cidade.

¹⁴ SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (Org.). A Promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna 1930-1964. São Carlos: Ed. Rima, 2002. 316 p. P. 21.

¹⁵ GALES, René; NETO, Candido Malta Campos. Op. cit.

Conforme Passos¹⁶, a altura, a imponência e a concentração de matéria, de atividades e de pessoas são características dos edifícios verticais, os quais se tornaram símbolos da vitória e do poder do homem sobre as condições sociais herdadas do passado, vistas como precárias e ultrapassadas.

Do ponto de vista físico, alguns desses edifícios configuram-se como grandes torres verticais, soltas no lote. No entanto, com a evolução urbana, este papel de marco visual vem sendo gradativamente ofuscado. No início do processo de verticalização, os edifícios erguiam-se em meio a baixas construções, considerados verdadeiros arranha-céus ao serem observados nesse contexto. Com o passar do tempo, essa realidade já não mais se verificava em alguns casos, pois o vazio existente ao redor de muitas edificações deu lugar ao forte adensamento urbano:

“Em volta deles há sempre um vazio no qual os caminhos desembocam (...) Nas grandes densidades urbanas este vazio perdeu-se. Os edifícios são altos mas não são verticais. Não interrompem nosso andar. Não contrastam. Não sacralizam. Ao contrário: sucedem-se colados em corredores viários gigantescos com seus paredões de vidro, concreto e aço.”¹⁷

Assim, se a verticalização dos edifícios está profundamente relacionada com o seu entorno imediato, caracterizando um edifício como vertical ou não, pode-se verificar o papel privilegiado do Parque do Sol como marco físico urbano. Por estar em uma quadra isolada e diante de um parque, o edifício garante o seu papel na verticalização caxiense.

Na verdade, todos os edifícios aqui apresentados podem ser classificados como exemplares da cultura da verticalização, principalmente se considerada a época em que foram construídos. Observa-se que foram projetados nas décadas de 50 e 60 do século XX, período em que a modernidade começou a se pronunciar em Caxias do Sul, através da legislação que estabeleceu critérios para um novo perfil vertical da cidade. E nesse universo se destaca, tanto pelas características que lhe conferem

¹⁶ PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. Op. cit.

¹⁷ PODESTÁ, Sylvio E., BRANDÃO, Carlos Antônio L., ALENQUER, Carlos. P. 12. Op. cit.

excepcionalidade do ponto de vista projetual, quanto pelo significado que tem no contexto local, o edifício Parque do Sol.

Pelo exposto, constata-se que a excepcionalidade do Parque do Sol se dá não somente no âmbito local, mas também do Estado. É um exemplar que contempla quase integralmente os pressupostos da modernidade, seja pela sua privilegiada implantação, seja pela racionalidade de sua organização espacial e compositiva. Sua altura, que lhe confere imponência, lhe atribui igualmente significado simbólico, uma vez que os anos e a crescente ocupação de seu entorno, não lhe subtraíram a marcante presença no imaginário coletivo de Caxias do Sul.



Fig. 01: Ed. Auto João Muratori – 1957

Fonte: Andréa Arenhardt

Data: Agosto de 2006



Fig. 02: Ed. Jotacê – 1967

Fonte: Andréa Arenhardt

Data: Agosto de 2006



Fig. 03: Ed. Parque do Sol – 1967

Fonte: Andréa Arenhardt

Data: Agosto de 2006



Fig. 04: Ed. Solaris – 1968
Fonte: Andréa Arenhardt
Data: Agosto de 2006



Fig. 05: Ed. APLUB Caxias – 1970
Fonte: Andréa Arenhardt
Data: Agosto de 2006



Fig. 06: Ed. Veneza – 1957
Fonte: Andréa Arenhardt
Data: Agosto de 2006



Fig. 07: Ed. Paraiso – 1958
Fonte: Andréa Arenhardt
Data: Agosto de 2006



Fig. 08: Ed. Ettore Lazzarotto – 1960
Fonte: Andréa Arenhardt
Data: Agosto de 2006



Fig. 09: Ed. Medianeira – 1961
Fonte: Andréa Arenhardt
Data: Agosto de 2006



Fig. 10: Ed. Dona Ercília – 1961
Fonte: Andréa Arenhardt
Data: Agosto de 2006



Fig. 11: Ed. Avenida – 1967
Fonte: Andréa Arenhardt
Data: Agosto de 2006



Fig. 12: Planta de Localização do Ed. Parque do Sol
Fonte: Goggle Earth, editado por Andréa Arenhardt
Data: Agosto de 2006

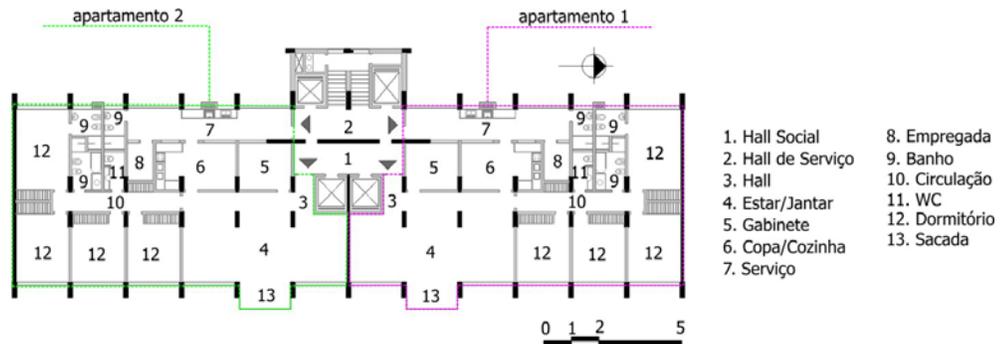


Fig. 13: Planta Baixa do Pavimento Tipo do Ed. Parque do Sol
 Fonte: Arquivo Histórico João Spadari Adami, editado por Andréa Arenhardt
 Data: Agosto de 2006



Fig. 14: Ed. Parque do Sol – vista frontal
 Fonte: Andréa Arenhardt
 Data: Agosto de 2006



Fig. 15: Planta Baixa do Apartamento Tipo Setorizada do Ed. Parque do Sol
 Fonte: Arquivo Histórico João Spadari Adami, editado por Andréa Arenhardt
 Data: Agosto de 2006